



ENTREVISTA

Sociologia, coletividades e desenvolvimento de base territorial: entrevista com Pierre Teisserenc.

Sociology, collectivities and territorial-based development: interview with Pierre Teisserenc.

Rafael Dantas Dias

Professor de Sociologia da
Secretaria de Educação do
Estado do Amapá (SEED/AP).
Doutorando em Geografia
(PPGEO/UFPA)

Síntese biográfica

E-mail: rafaeldantasd@gmail.com

Doutor em Sociologia pela Universidade Paris descartes V.
Fundador do Centre de Recherches sur l'Action Locale na
Universidade Paris XIII. Professor Emérito da Universidade
Paris XIII desde setembro de 2011. Suas pesquisas tem focado
as recomposições territoriais no contexto de países
industrializados marcados por um estado de crise permanente
no sistema produtivo industrial e gestão dos territórios.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Professor, primeiramente gostaríamos de agradecer sua participação, seja bem-vindo à nossa revista. Professor, conte-nos um pouco de sua trajetória e formação acadêmica, o porquê do seu despertar de temas e ciência tão importantes, como sociologia, território e desenvolvimento.

Pierre Teisserenc – Sim, muito obrigado pelo convite, muito obrigado pela participação nessa revista, que não tive a oportunidade de conhecer anteriormente, mas como disse o provérbio francês, “a ocasião faz o ladrão”. Uma boa expressão para demonstrar essa oportunidade que a vida ofereceu, no caso esse encontro e, talvez, esperamos, que vá trazer um fruto muito bom, vamos ver...

Comecei a minha vida como professor de matemática. Foi uma troca que o governo francês me propôs: exercer a atividade de professor na África, que é serviço não armado, em substituição ao serviço militar nas Forças Armadas. Nesse contexto tive uma experiência de dois anos muito forte porque percebi que meus alunos mais competentes durante as aulas, na avaliação escrita não faziam nada. Não

compreendia o que se passava. Por que existe essa diferença no tratamento da resposta?

Como não tinha competência em antropologia nem em sociologia, instalei-me em um bairro popular a fim de mudar meu contexto de vida. Passei a convidar os alunos e as famílias deles, para conversar, discutir, participar da vida deles. Desejava descobrir o motivo pelo qual o melhor aluno em sala não conseguia dar as respostas quando submetido a uma avaliação escrita. Descobri que eles consideravam a matemática uma sorte, que tem um poder mágico, que justifica a superioridade dos brancos sobre os negros e a dominação deles. Daí pensei: não posso continuar a fazer o ensino se efetivamente existe essa diferença. Foi então que tomei a decisão de sair do campo da matemática para entrar diretamente no campo da sociologia. Comecei o processo de mestrado e doutorado e voltei à África para encontrar os meus antigos alunos e fazer pesquisa com eles sobre essa temática. Assim iniciou minha carreira de professor de sociologia. Foi uma experiência extraordinária, uma descoberta do mundo bem diferente de meu mundo e, ao mesmo tempo, muitas questões sobre a mobilização dos jovens, da juventude, do quiproquó dos jovens adultos na perspectiva da emergência de vossos países, que são os países que começam a atingir a questão da nação e o debate político que acompanha a emergência desses novos países na África.

Quando voltei para a França, terminando meu doutorado e na experiência de professor de matemática, encontrei lá outro desafio contemporâneo, no contexto dos anos 80, que foi o processo de desindustrialização das regiões tradicionalmente bem industrializadas, e a necessidade de pensar o futuro dessas regiões em uma nova perspectiva. Foi nesse contexto que nasceu a ideia e o conceito de desenvolvimento local ou territorial. O contexto bem específico da desindustrialização, mas que pode ser aplicado, vamos ver depois, a outro contexto, que levam em consideração a questão das particularidades do território, de sua história, de seu povoamento, de seus recursos e por outro lado, a questão do futuro. O que queremos fazer juntos? O que queremos viver juntos? E no contexto, um dos elementos muito importantes para mim, muito forte, e que explica também a razão do contexto histórico francês: a grande tradição da centralização do poder do Estado é muito forte, muito importante. Então as políticas públicas do país, tradicionalmente, se decidem no

centro do país e se aplica no território, uma visão do território como um espaço da aplicação das políticas públicas. Bom, mas nesse contexto marcado também por outro elemento que aparece pouco a pouco durante os anos 80: a importância da globalização.

Para enfrentar essa globalização, o que vai fazer o Estado? O Estado continua a fazer como ele tem o hábito de fazer, tem uma prática do desenvolvimento dos territórios, se não tem, se uma empresa fecha, não vamos iniciar, facilitar a implementação de uma nova empresa, continua a reproduzir o sistema territorial, mas nesse caso não funcionou, porque não teve empresa para criar, não teve empregador para criar, porque as empresas saíram do país para se instalarem na África, na China, são outros continentes do mundo, a globalização. Se as empresas aparecem, são novas empresas que vão se instalar, o que pode fazer o Estado nesse caso? Se não tem empregadores para se instalar, a nova problemática, requalificar os agentes, requalificar os agentes em função dos critérios, das referências, da qualificação que o governo da época tem, bom, vão qualificar, não sei, vão qualificar os *managers*, vão qualificar os quadros, os operários e para fazer o que? Reproduzir o sistema anterior? Não funciona. Dar os dinheiros, investir muito dinheiro para constatar que não tem solução. E a solução que emergiu pouco a pouco nesse contexto foi de facilitar a criação das atividades novas pelos atores locais em função dos fatores que relevou, era tarde, vão descobrir, identificar e particularmente, os recursos desse território, nesse momento vai começar a mudar o olho dos dirigentes sobre a questão do território, de considerar o território não só como espaço da aplicação das políticas públicas, mas como objeto do desenvolvimento mesmo, que faz parte da vida das populações que ocupam esse território e que querem fazer desse território um território de bem viver para eles, para suas famílias, para seus vizinhos, para todos os habitantes e para as pessoas que vêm de fora para se instalar, ocupar esse território. Outra perspectiva da apreensão da concepção do território. Dessa maneira que entre a universidade, da Paris 13, na periferia de Paris, uma nova universidade, Paris 13 via, teve treze universidades em Paris. Bom, como sociólogo, foi o primeiro sociólogo a entrar nessa universidade, foi necessário para mim, ao mesmo tempo, começar a aprofundar isso que eu vou tratar depois, a questão desse setor da emergência na academia, o desenvolvimento do

território, ao mesmo tempo de organizar a sociologia com uma disciplina no interior da academia local e pouco a pouco criar um mestrado, doutorado, laboratório para fazer pesquisa e recrutar os convidados, colegas, para constituir uma equipe de sociólogos.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Em nível de Brasil, a Revista gostaria de saber como que o senhor compreende a discussão do desenvolvimento territorial a partir das ações públicas locais. Qual a sua compreensão desse tema? Entre desenvolvimento territorial e ações ou atores locais? Ações públicas ou atores locais.

Pierre Teisserenc – Eu posso falar um pouquinho de meu encontro com o Brasil?

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Sim, claro

Pierre Teisserenc – Vendo o centro da África, trabalho na Europa e faço muitas pesquisas no contexto da Europa, mas, ao mesmo tempo, participei, à partir da criação do laboratório e do doutorado, os colóquios, os congressos, esse caso, o contexto favoreceu ações contra e a oportunidade de desenvolver as formas da cooperação. É privilegio do Brasil porque sempre, do lado dos colegas que descobri da época, comecei 15 anos atrás, mas descobri o grande desejo dessa cooperação, desejo também da temática ligada a essa cooperação, para mim do ponto de vista da minha ética de professor, me sinto como que a incapacidade de desenvolver uma relação igual entre os colegas brasileiros e os colegas franceses, que não foi um caso na África. Na África é uma relação permanente sobre a dominação, os brancos dominam e foi difícil de sair desse esquema, dessa representação. Nos Estados Unidos o inverso, eles que pretendem dominar. Eu gosto? Não gosto, desculpe. E lá começou antes a facilidade de entrar na relação sem estar, vamos dizer, esses preconceitos, não temos uma história comum, não temos preconceito entre nossos, se não que foi para mim muito essencial, do ponto de vista do meu investimento pessoal, a ideia que nossas experiências diretas podem se enriquecer se temos uma capacidade de trabalhar juntos e de aceitar, não de fazer uma comparação, que para

mim comparar é estúpido, comparar é estúpido porque são dois mundos muito diferentes, existe uma globalização, mas não é porque existe a globalização que a situação territorial são iguais, não, não há igualdade. Por outro lado, me diz que essa cooperação crê uma oportunidade para aprofundar nossos conhecimentos particulares, mesmo se tem uma pretensão da pesquisa em produzir o conhecimento universal, é um mix, universalização do conhecimento é um item muito importante, não para criticar, mas diz que é uma modalidade da estimulação muito forte, que vai privilegiar efetivamente. Agora para responder mais diretamente sua questão, você vê, como compreender a questão entre o desenvolvimento territorial. Quando cheguei aqui, tive que aprender tudo que foi necessário para mim que foi necessário reaprender para compreender as particularidades de contexto, tem uma dificuldade considerável que a Amazônia é o território homogêneo (risos).

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – É muito diverso

Pierre Teisserenc – É muito diverso. Então, fui o aluno, durante 10 anos, “fui o aluno”. E comecei aprendendo o português, eu não falava nada de português, é difícil. Uma das minhas grandes descobertas foi como esse país que, bom, conhece uma história caótica, mas a ditadura dos anos 60, 80, a saída da ditadura, esses anos de efervescência, uma nova Constituição, a abertura, descobrir o mundo, bom certo, o mundo global do lado e, ao mesmo tempo, o mundo, vamos dizer, da democracia, de se reapropriar da democracia. E dentro desse contexto vou ligar, também, uma sensibilidade mundial que emerge superior, que descobri aqui, mas que na Europa não sabia, no fim dos anos 90, foi nos 2000 que descobriu. Outro elemento comum nesse contexto dos anos 90, o país, até uma capacidade de pensar alguns instrumentos das políticas públicas para responder esse desafio, integrando notavelmente as características desse território, desses territórios, melhor colocar no plural, a questão da diversidade. E dentro desses territórios, penso particularmente a Amazônia, melhor em primeiro tempo no território da cidade, mais do que o território do campo, a questão das populações tradicionais, a questão das populações indígenas de um lado, mas onde temos um sistema de direitos, um sistema coordenado no mundo global, vamos dizer. Bem diferenciado, também, das

populações tradicionais e como a partir de um evento muito duro, o assassinato de Chico Mendes, o movimento social foi incapacitado de levantar, a partir de uma experiência, para mim de uma qualidade excepcional, iniciada pelo Chico Mendes, o movimento que ele olhou, como uma aliança também, como a melhor universidade, particularmente, da USP, de inventar a reserva extrativista. Como instrumento inicialmente não foi pensado como instrumento da política pública, mas foi a inteligência do governo na época, de considerar essa experiência única no mundo inteiro, poder se tornar instrumento de uma política pública original do Brasil. E de permitir de tentar, experimentar, um desafio ambiental que nenhuma pessoa sabe o que fazer de melhor. Bom, de se dizer, finalmente, é um bom instrumento, se as condições são favoráveis para a sua aplicação das políticas públicas, vamos apoiar e vamos considerar de oferecer, esse instrumento, os territórios que quero, se aplicar. Isso traz elementos, são muitos outros, mas depois para tratar de outras questões, três elementos para mim, muito importantes para significar bem a pertinência e a originalidade desse instrumento, o primeiro ponto estaria no centro movimentos sociais e a academia, a universidade, conhecimento, não vamos insistir, mas é excepcional. E para produzir uma oferta consistente e não uma, né?

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Sim

Pierre Teisserenc – Segundo elemento, utilizar o desafio ambiental para responder a uma questão de justiça social em direção a uma categoria da população, que não tem reconhecimento até agora, não vou falar que tem, porque não temos, tinha nesse período.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - É o que o Henrique Leff fala, não?

Pierre Teisserenc – A população tradicional, importa ou não o nome dele, mas o reconhecimento dessas populações, como a questão ambiental vai permitir de tratar uma questão de justiça social, é fundamental. É mostrar que o desafio ambiental não é só a questão da natureza, com relação da ligação forte entre homem e natureza, e onde tem uma injustiça ideal dos homens é claro que cria um desafio ambiental particular específico, tem seu elemento dentro desse processo, essa

dinâmica de reconhecimento, a questão dos saberes nativos, que justifica esse reconhecimento e a competência dessas pessoas, que não é uma competência acadêmica, mas que é uma competência bem específica, ligada à experiência deles é a relação com a natureza e sua capacidade de criar as condições melhores para satisfazer as exigências ambientais, um desafio, não diz que vai se aplicar de maneira normativa? Bom, por que não? Mas o desafio é, efetivamente, de trabalhar nessa direção.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - Professor, há praticamente 10 anos atrás o senhor organizou uma obra junto com o professor Gilberto de Miranda Rocha e a professora Sônia Barbosa Magalhães, o nome da obra: Território de Desenvolvimento e Ações Públicas, que, em linhas gerais, trabalha essa interface do território com as políticas públicas e também como é que dentro dessa trama ocorrem as questões ambientais. A revista gostaria de saber do senhor o que é território da ação pública.

Pierre Teisserenc – Sim, é uma questão interessante e pertinente, não foi o primeiro livro de nossa cooperação, mas foi um dos livros sobre a eficiência de nossa cooperação, foram 5 anos impressionantes, começamos rapidamente a trabalhar juntos e a publicar juntos, mas para responder diretamente a sua questão, que me parece uma questão pertinente. No fundo, para mim, foi a questão seguinte: para o sociólogo, o que significa o território, e por que a sociologia subitamente se interessa em território? Ponto, é uma outra maneira de responder a sua questão, porque como Gilbert é geógrafo, um grande amigo, trabalhamos juntos e continuamos a trabalhar juntos, mas entre nós tem esse enfrentamento entre as nossas disciplinas particulares, comuns e particulares. E, para mim foi também uma questão, porque fui um dos primeiros sociólogos na França a trabalhar sobre o território. E antigamente não tinha essas referências na Sociologia, senão a Antropologia, mas a Sociologia mesmo não, faz parte da divisão do trabalho entre Geografia, Sociologia... e precisamente porque as políticas públicas não têm competência suficiente, pertinência suficiente para satisfazer as exigências do desenvolvimento do país inteiro. E, não vamos recomeçar a explicação anterior, para não justificar a grande

dificuldade do Estado de acompanhar, o redesenvolvimento do país, de reposicionar o país no contexto da globalização para facilitar as novas formas de desenvolvimento. Quando você modifica essa concepção da gestão pública o Estado se considera como, ele que não tem competência o suficiente, vai transferir essas competências, é um processo da descentralização, transferência das competências do nível central para o nível local, para trabalhar de outra maneira, não para fazer a mesma coisa, para trabalhar de outra maneira, mas para trabalhar de outra maneira necessito considerar quais são as características dessa nova maneira de trabalhar. E a grande característica da maneira de trabalhar é a questão da ação, ação territorial, ação local, ação pública. O resultado, como resultado da mobilização dos atores locais, territoriais, juntos com a mobilização dos recursos no território, essa combinação, essa articulação, conexão entre os recursos da natureza e os recursos físicos, os recursos humanos, as inteligências dos atores e dos saberes nativos das populações, essa combinação, juntos, que vai tornar possível as novas formas de desenvolvimento, que os atores locais vão, pouco a pouco, levantar, iniciar, o desafio da inovação, o desafio da combinação da articulação entre os atores e a relação deles com os recursos, a identificação também, desses recursos, nesse caso, a Sociologia tem uma competência para complementar o trabalho da Geografia do lado da definição dos atores, da qualificação desses atores, a relação com os recursos do território, que particularmente, esses saberes locais, territoriais. Que o Brasil tem um cuidado mais forte que na Europa, isso foi uma grande descoberta para mim, essa maneira de considerar esses saberes nativos, como elementos essenciais do ponto de vista da reconsideração, redistribuição das forças dos homens, da remobilização, mobilizar os homens, a inteligência deles, os saberes deles, os recursos da natureza. Essa é uma experiência que analisei na Europa e que continuo a trabalhar aqui, que, para mim, são essenciais para compreender melhor e satisfazer essa questão, território da ação pública. E por que pública? Porque são ingredientes das iniciativas privadas e, ao mesmo tempo, que vão beneficiar de uma oferta pública.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - Ok, professor. Ainda a pouco estávamos falando sobre o tensionamento de determinadas ciências que buscam o seu espaço no horizonte, por exemplo, até pouco tempo o

território, era exclusivo ou em grande parte, “pertenciam” à ciência da Geografia.

Pierre Teisserenc – Antropologia também

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Recentemente, a Sociologia e a Ciência Política também buscam compreender o território como um processo dinâmico, em mutação. Então, a partir disso que estamos dialogando, gostaríamos de saber se tem como estabelecer uma relação entre Sociologia da ação local e território da ação local; tem uma interpretação sociológica para isso?

Pierre Teisserenc – o que interessa a Sociologia nesse contexto é a ação, se não tem ação o trabalho do sociólogo não é interessante, significa, para mim, não são todos os territórios, só os territórios que criam as condições para facilitar, iniciar esse grande desafio da mobilização dos atores locais, mas não uma mobilização que se limita a denunciar, resistência, como diz Carlos Mussadas, resistência e re-existência. Existir, bom, faz parte da vida, bom, resistir, mas não é suficiente, se você se limita a resistir não tem desenvolvimento. Onde começa o desenvolvimento? Onde existe capacidade de re-existir. A partir da resistência. E resistir de qual maneira? Das iniciativas, das ações e não só da denúncia. Bom, é claro do regime da ditadura, infelizmente, a resistência limita a denunciar, porque se você começa a iniciar, vão te matar, não é suportável a iniciativa nesse contexto, mas fora da ditadura, na democracia, uma resistência que não se torna em capacidade de ação individual e coletiva, não é suficiente, é reinventar, re-existir, é fundamental, faz parte das dinâmicas novas que descobrimos nesse contexto, é a relação efetivamente, a globalização que permite, de certa maneira, essa experiência, é a globalização. Encontrar os impactos normativos de dependência da globalização, de reinventar as modalidades das formas novas do desenvolvimento encarando território, não sei se...

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - Do ponto de vista das Ciências Sociais, quais os desafios da recomposição territorial? Como o senhor compreende esse processo?

Pierre Teisserenc – Bom, podemos responder a partir do raciocínio, como cito as etapas, evoquei a etapa da resistência, depois da re-existência, a partir das iniciativas, o desafio da ação coletiva, individual sempre, mas se tomar do ponto de vista dos impactos territoriais e, ao mesmo tempo, existe capacidade, iniciativas individuais ao mesmo tempo, a capacidade de coordenar, de ordenar, de organizar coletivamente essas iniciativas, vamos falar do projeto do território, das ações territoriais, coletivas. Que é um desafio muito importante, muito importante do ponto de vista da capacidade dos atores locais de se apropriarem de seus destinos, seus futuros, que faz parte, para mim, do grande desafio da natureza humana, controlarmos o futuro. Bom, não somos Deus, mas...

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Temos essa vontade...

Pierre Teisserenc – Bom... quero saber o que vou oferecer, o que vou oferecer às minhas crianças, aos meus amigos, vizinhos no futuro. É impressionante como o comportamento das pessoas muda quando você fala do cotidiano, bom, cotidiano, geralmente não é a todo tempo agradável, mas no futuro temos uma visão religiosa do futuro, infelizmente quando a religião é mais forte não tem futuro fora de Deus, mas se você elimina, diminui essa influência da religião o futuro aparece como o espaço da criação dos outros, e de uma criação que não pode se limitar ao ato individual, mas, necessariamente, o ato coletivo. E o espaço da projeção de sua liberdade também. E necessita, para se pensar, de reordenar o território sobre a forma de uma sociedade local, territorial, uma sociedade, e uma sociedade tem valor real, uma das dimensões essenciais da sociedade é sua dimensão política, as dinâmicas que evoquei anteriormente, teci pouco a pouco como as dinâmicas que podem se justificar as exigências da economia, bem-estar das populações do lado da vida social dessa população. Mas o grande desafio, também, é o desafio político, o objetivo é de criar as condições de uma nova sociedade política e não só de criar o

novo modelo da economia de território, uma redução de pensar essa dinâmica só da perspectiva da economia do território, é uma grande redução, a ambição é de facilitar a emergência de uma nova sociedade e como toda sociedade integra sua dimensão política.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - O senhor gostaria de considerar o que estava falando?

Pierre Teisserenc – Vou continuar falando o que disse a você, tem um outro elemento importante para compreender essa questão, o desafio político, dizendo que para mim foi uma outra descoberta das formas da dominação, que marca os territórios, particularmente a Amazônia. É uma dominação herdeira da colonização.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Exato.

Pierre Teisserenc – E que se transformou um pouco durante o período da borracha, por exemplo, se tornar sobre a forma do aviamento, e hoje continua. Eu escrevi um artigo sobre o poder local, demonstrando como o poder local, a dinâmica dele, geralmente, se apoia sob a permanência dessa forma da dominação. Quando existe uma dominação não tem sociedade política, não tem. Nesse contexto um dos desafios das ações públicas, das políticas públicas é não só de criar as condições de uma economia nova no território, mas de, ao mesmo tempo que existe essa pretensão legítima de criar essa economia nova no território, a libertação dos indivíduos, dos cidadãos. A teologia da libertação teve um papel muito forte na época, infelizmente hoje diminuiu muito, mas na época foi um dos fatores essenciais para acompanhar essa mobilização do movimento social, a indicação deles é talvez pouco a pouco a capacidade deles de se afirmar. A reserva extrativista entra nessa dimensão política, ao mesmo tempo que ele inventa a reserva, inventa essas instituições, por exemplo, que vão acompanhar o reconhecimento do estatuto dos novos homens que vão trabalhar nesse contexto, se eles, outro ministério do meio ambiente, todas essas instituições novas que tem o impacto de fortalecer e de defender também, bom, hoje é outra coisa, é outra coisa, mas existia.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - A ideia natural era essa.

Pierre Teisserenc – Sim... sim. O desafio da afirmação da liberdade, onde existe a permanência do sistema da dominação. É essencial, esse desafio é político.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Perfeito.

Pierre Teisserenc – Quando fiz a entrevista dos membros do Conselho Deliberativo da Reserva Extrativista, bom, há reservas aqui que funcionam, mas há reservas que não funcionam, mas parte das reservas funcionam e lá funcionou. E reconhece que são atores políticos, fazem trabalhos políticos, aprendem a fazer a política. Decidem, as ações locais, concretas, mas considera essas ações como o trabalho político, a deliberação é uma atividade política, o reconhecimento desse trabalho como o trabalho da deliberação política é uma maneira de afirmar a autonomia dessas pessoas, como atores políticos e não como atores, não vamos falar de ator, cidadão dependente dos políticos, uma forma de revolução do ponto de vista da consideração do cidadão, é um dos desafios importantes que justifica a aproximação da Sociologia e da Ciência Política para analisar e ao mesmo tempo dar reconhecimento de uma sociedade, que como toda sociedade tem uma dimensão política, eu não sou economista da história, não, e tem todos esses ingredientes, mas...

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - Professor, falando especificamente sobre a Amazônia, há como apontar quais são as vias de integração da mobilização social no campo político em relação à região? Quais são as articulações que acontecem entre: atores locais, o Estado, representantes do Estado através das instituições de pesquisa, a academia... Como que acontece essa trama para o senhor? Na sua concepção, em relação à Amazônia.

Pierre Teisserenc – São muitos elementos que devemos integrar e articular, integrar não, eu prefiro articular, porque integrar parece como sistema de identificar, você vai montando, que não é o caso. É necessita repensar muitas coisas. O coração, para mim, a nova questão de amparo, o coração. Como uma questão social, a questão de amparo como uma questão social, um lado da questão social, porque a sociedade industrial cria as condições da emergência da questão social, como questão central, elemento dos conflitos, conflitos de classes, a sociedade atual é, o centro da sociedade, a questão de ambiental como questão social. E não podemos evacuar, distinguir o desafio econômico sem integrar o desafio ambiental, é claro que não, mas que tratam bem e que nossos instrumentos, quando digo nossos, da academia, não são prontos, não são disponíveis para tratar, responder, esses desafios. E para mim, necessita de repensar a ação da pesquisa, as metodologias das pesquisas, a produção dos conhecimentos. E de integrar a natureza, como eu disse um pensador francês conhecido no mundo inteiro agora, Bruno Latour, considerar o espaço, a natureza, não só como objeto, mas como, ele fala de *agição*, como o ator, o ator que deveria também participar não só como aplicação da nossa inteligência, mas como capaz de manifestar sua opinião, o desafio climático hoje é a manifestação da opinião da natureza, uma revolta permanente dela, como a academia, para falar só da academia, repensa sua modalidade de pesquisa nessa perspectiva. Do lado dos políticos, a experiência brasileira, para mim, é muito pertinente, é muito interessante, facilitar, apoiar essa articulação inteligente entre o desafio da representação política, que corresponde funcionalmente, clássica das instituições de todas as democracias do mundo, articulação entre essa concepção da representação política e da deliberação, falávamos anteriormente, a deliberação, conselho deliberativo, e que faz política, a partir da outra experiência da política. E, em comparação com a França, a diferença da França com o Brasil, que o trabalho deliberativo como um trabalho político, que não é o caso da França, não é o caso. A Constituição Francesa não reconhece, ela limita consideravelmente essa experiência da participação, por exemplo, do cidadão, limita. Aqui temos um contexto mais favorável nessa experiência. Para mim, fazer experiência, por exemplo, fazer pesquisa no contexto das reservas, no contexto da cidade onde existem os conselhos deliberativos, foi uma ocasião única, única, de enfrentar essa articulação, que faz

parte do processo hierárquico. Mas ao mesmo tempo, do lado dos políticos existe esse desafio, do lado da academia existe essa obrigação de repensar sua epistemologia em função das exigências novas, ligadas ao desafio da natureza e da consideração dela não como objeto de pesquisa, mas como atual, mesmo. o que eu vou fazer? Não sei. E vamos começar a trabalhar.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - É importante trabalhar coletivamente essa proposta.

Pierre Teisserenc – Sim.;

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - No dia 31 de outubro de 2019, no auditório do Núcleo de meio Ambiente/Numa da UFPA, ocorreu o 6º Colóquio Franco Brasileiro, a pareceria da UFPA com a Universidade de Paris 13. Durante esse evento o tema central foi a questão da gestão e a governança da água, a partir do que foi tratado nesse colóquio, teria como o senhor falar quais são os desafios sociopolíticos da gestão da água? Como que o senhor compreende esses desafios hoje, da sociopolítica da água?

Pierre Teisserenc – Vale eu recomencar o argumento para eu responder, para recomencar, não para repetir, mas para prolongar.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - A questão central, quais são os desafios sociopolíticos da gestão da água? Como que o senhor compreende esse processo?

Pierre Teisserenc – No coração é a questão da justiça social. É a maneira de tratar. Na perspectiva onde eu estava, como articular a resposta aos problemas da justiça social no contexto da ambientalização, a temática da ambientalização é um conceito que não tinha a ocasião de ter utilizado, mas que para mim é central e que foi uma descoberta, eu gosto muito dessa palavra, ambientalização, que não existe equivalente em francês, que é muito rica do ponto de vista do conteúdo. A riqueza do

conceito é de precisamente articular o desafio social e o desafio ambiental. Como o desafio ambiental se articula sobre essa questão da justiça social, a cidade é pensada sob a lógica de um espaço da produção e da reprodução das injustiças e não como espaço político da convivência entre as diferentes categorias das populações. É impressionante, Belém é uma caricatura desse ponto de vista, é uma caricatura, você passa para uma outra rua, são dois mundos que não se encontram, é totalmente dividido.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Segregados...

Pierre Teisserenc – É uma caricatura. Outro exemplo bem significativo de utilizar a água como uma fonte de energia, ok, *why not?* Viajei a semana passada para Cametá, abaixo da barragem do Tucuruí, o rio não tem peixe, a cidade não tem peixe para oferecer à população, os peixes agora vêm de todas as outras regiões do Amazonas.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Menos de lá

Pierre Teisserenc – Imagina?

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Sem sentido, não?

Pierre Teisserenc – Que mundo? Que mundo? Está morto! Morto! Não é o ator... não produz nada, senão a energia. É porque... impressionante, é outra caricatura, na capital a população, 20 anos muda totalmente sua comida, o modo de vida, não tem peixe, vamos comer carne, a cidade cheia de açougue, é impressionante. Imagina a mudança que as populações conhecem em função dessas exigências, absurdo, absurdo! Não sou especialista da produção da energia, mas como é possível pensar a produção da energia sem considerar todos os impactos, não faz sentido. E talvez existam as modalidades diferentes, eu sei que faz parte do desafio da inteligência humana, não essa estupidez, impressionante. É um desafio, o exemplo, podemos continuar a acumular esses exemplos, é impressionante, existe no mundo

inteiro, falei só da Amazônia, do caso do Brasil. Bom, na Europa também tem muitos casos, mas a capacidade da reação das populações lá, geralmente, é mais forte.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - Elas estão mais articuladas, né?

Pierre Teisserenc – É. Claro que os poderes públicos, a globalização não pode se manifestar de qualquer maneira, sem considerar o mínimo das exigências, depende dos contextos, depende dos territórios, são territórios bem reativos, outros não.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA - Professor, que forma o senhor vê esse processo de ambientalização e territorialização dos povos da Amazônia, por exemplo?

Pierre Teisserenc – Para mim a qualidade desse conceito e sua pertinência no contexto amazônico, vem do fato que ele integra a referência do desafio ambiental a partir das investigações dos saberes da academia e dos saberes nativos, as duas somas do investimentos dos conhecimentos, das formas de conhecimento diferenciadas, essa articulação, por exemplo, no caso da reserva extrativista, o conselho deliberativo, o espaço dos encontros técnicos, de pesquisadores e o movimento social, as populações, que se enfrentam, nesse contexto, o desafio do conhecimento dos técnicos e outro lado dos saberes nativos das populações, para todos nós é um desafio permanente de reconhecer as competências particulares de cada um deles, a competência ligada à academia e a competência, vamos dizer, social, do movimento, das populações. Segundo desafio, que faz parte dessa articulação que eu prescrevo anteriormente, que é a questão política, o conselho deliberativo trata de objetos da vida cotidiana, mas todos esses objetos da vida cotidiana são objetos políticos. E porque fez, escrevi três artigos sobre essa questão que trata sobre a politização, a politização como o desafio do mundo pós moderno, onde se inventa as modalidades de reconhecer como objeto político os objetos da vida cotidiana, como a questão, por exemplo, da criação de uma escola se tornar como desafio político e não só, e exclusivamente, como um desafio da educação em função

do contexto, que crê a questão política e o contexto, o território, o desafio ligado do território, a história do território, que faz que se conteste a questão da criação da escola aparece como um desafio para todas as populações, e não vai se limitar a uma reivindicação do Ministério da Educação, vai aparecer como resultado da mobilização da população, que considera a criação da escola é uma prioridade e vão se mobilizar para obter resultado, que não será conforme as exigências clássicas do Ministério, é outra coisa. A politização, como uma criação cultural, por exemplo, se tornar como um projeto político que faz parte, são muitos municípios da França, que é onde eu estudei, onde a mobilização das populações tem como resultado conceder, as iniciativas culturais, por exemplo, como o coração da vida social do território e de utilizar essa capacidade de criação, que corresponde uma criação cultural como o projeto do território, que depois como projeto de território tem as consequências sociais, ambientais, econômicas.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Professor, dentro da perspectiva local-global, qual é o papel da Amazônia?

Pierre Teisserenc – Sim, vai eliminar a resposta que é a razão da ausência da minha competência, nesse caso, do potencial do carbono da Amazônia, a floresta da Amazônia na perspectiva do equilíbrio do planeta. É claro que tem uma convicção, evidentemente, que é um desafio imenso, que não é só o desafio do Brasil, mas é o desafio do planeta, em nosso mundo global atual. É claro, também, que cria um problema político da questão de quem tem competência para assumir esse tipo de responsabilidade, o governo brasileiro vai ser, como as consequências são mundiais, e temos essa tensão política que consiste em afirmar, bom, também do lado da competência do Brasil, ao mesmo tempo, todos seres humanos são considerados, acho que não vai entrar nesse debate político complexo e bem significativo da problemática da ambientalização mundial, que não é só em nível de território, de cada território, mas do mundo inteiro, são de atualizações e as consequências de pensar o político e também a questão das nações, a disputa das fronteiras, as fronteiras entre os territórios é uma questão pertinente, em termos da

ambientalização, a ambientalização não conhece as fronteiras. A ambientalização não respeita a fronteira.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Ela não é nacional

Pierre Teisserenc – Não é nacional. A partir dessa situação que eu vou pensar as relações internacionais entre as nações. Mas outra resposta que interessa particularmente mais a minha competência efetivamente, de repensar as divisões entre os territórios. Porque os segmentos da natureza, cada um deles tem seu território, você vai organizar uma gestão do Pirarucu, por exemplo, no contexto de Mamirauá no coração da Amazônia tem um projeto de defesa do Pirarucu, que não se limita à questão do Pirarucu, mas o Pirarucu é um recurso emblemático da riqueza da Amazônia, mas o território do Pirarucu não é o território do município, você não poder pensar na política, como Pirarucu, não sou da defesa do Pirarucu, mas como Pirarucu, se você não integra as exigências territoriais dele, eu não sou, não somos. E ele tem seu território, um grande desafio, que não é só o desafio da Amazônia, mas a Amazônia, para mim, é desse ponto de vista, muito interessante, porque aparece como um território um pouco novo, essa liberdade de repensar as fronteiras dos territórios, que é mais fácil, o território, por exemplo, da Europa, na França, são mais de 30 mil municípios, como pensar ou repensar a relação entre os territórios, vamos dizer humanos, os municípios, ligados à diligências da administração política dos homens, e dos territórios, municípios, é função das novas exigências ambientais. E para mim a Amazônia aparece como o grande laboratório, o grande laboratório da experimentação dessa nova modalidade de gerenciar, de combinar os territórios, as fronteiras deles, em função das exigências ambientais. E não só exclusivamente em função das exigências humanas, de reinventar a maneira de articular esses territórios, não sei se é claro.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Professor, gostaríamos de saber seu entendimento sobre o que está acontecendo no Brasil atualmente: a mudança na gestão executiva do governo federal na condução do país, traz

reflexos, não somente na área social, sobretudo na área ambiental. Qual a sua opinião sobre o futuro das questões de políticas ambientais ou ambientais no Brasil? Há esperança ou não?

Pierre Teisserenc – É... gosto muito da maneira de pensar que anteriormente, eu não sou especialista dele, mas ele produz um pensamento novo, em referência precisamente a esse contexto político novo que conhecemos no mundo inteiro. Infelizmente o Brasil é um dos países bem significativos desse ponto de vista, depois dos Estados Unidos, dos três países da Europa, a Turquia, o Irã, outra coisa. E o que gosto muito no pensamento dele, ele faz, o Estaban, tradicionalmente tem uma dialética local, territorial e mundial global, é a dinâmica do desenvolvimento, se apoia sobre o tratamento entre o local e o global, os atores, em função de suas estratégias, de seus pensamentos, de suas atividades, de sua localização, vão ser mais durável em nível global, do local, mas existe.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – Fluxo.

Pierre Teisserenc – Fluxo, local global. E um mundo, hoje, reage mal, contra essa mobilidade. E aparece, o grande desafio ligado à reação, particularmente, da natureza, é um desafio do clima, tem discussões da reação da natureza contra os homens e o mundo dos homens, dominado pelos homens, ela diz, temos outra, não sei se uma dinâmica, outra, ela, essa perspectiva são as pessoas que consideram que tudo está exterminado, não tem futuro, vamos aproveitar. E vamos mobilizar as pessoas que querem aproveitar imediatamente para aproveitar ao máximo. Esquecemos tudo, esse debate sobre o clima, as academias, os saberes nativos, todo mundo, aproveitando, Trump, Bolsonaro, não tem futuro, aproveitamos, somos a última geração que aproveitamos, terrível. É a estratégia da morte coletiva. E outro lado, precisamente, o grande desafio da ambientalização é como sair desse debate entre local, territorial e global para integrar contra a estratégia da morte, integrar, vamos dizer, a estratégia que integra o grande desafio da ambientalização, porque vai utilizar efetivamente todas as experiências ricas, ligadas a esse momento da humanidade, que se desenvolveu em função dessa tensão muito pertinente entre

local e global, vai continuar, mas vai continuar a falar, repensar uma contra proposição contra a estratégia da morte. Bolsonaro, Trump, outros perfis dessa mesma natureza são, para mim, os promotores da morte da humanidade. Para eles não tem futuro. Bolsonaro passa todo tempo a reivindicar a ditadura, ele quer passado, não tem visão do futuro, nada, nada.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – E é um passado que nos custa muito caro, não tem porquê pagar.

Pierre Teisserenc – Impressionante, é uma caricatura, mas uma caricatura mortal. Uma caricatura que se justifica em função da morte, como se diz, tem um paralelo em francês, *mortifère*, não sei se tem um equivalente em português, que se apoia sobre a morte.

REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA – A Revista Café com Sociologia agradece especialmente a sua participação. Muito obrigado, professor.

Pierre Teisserenc – Obrigado!

Entrevista realizada em: 31/11/2019 no programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO), da Universidade Federal do Pará (UFPA)

Recebido em: 25 dez. 2020.

Aceito em: 25 jan. 2021.